



1. Os pioneiros do adventismo e a macrohermenêutica teológica: as noções de tempo e espaço nos periódicos entre 1844 e 1915

The Pioneers of Adventism and Theological Macrohermeneutics: The Notions of Time and Space in Periodicals between 1844 and 1915

Luan Alves Cota Mól

Associação Mineira Central
Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil
luan.mol@adventistas.org

Recibido: 19 de junio de 2025

Aceptado: 1 de agosto de 2025

Doi: <https://doi.org/10.56487/ncap9r25>

Resumo

Este artigo investiga o papel das pressuposições ontológicas e epistemológicas dos pioneiros adventistas na construção teológica entre 1844 e 1915, com foco na noção de tempo e espaço como categorias hermenêuticas fundamentais. Em contraste com a tradição cristã dominante influenciada pela filosofia grega — que concebe Deus e as realidades celestiais como atemporais e imateriais — os pioneiros adventistas defenderam uma visão alternativa: o céu como lugar físico e temporal, e Deus como um ser pessoal, corpóreo e atuante na história. A partir da análise de periódicos adventistas, evidencia-se que essa cosmovisão material e histórica sustentou a construção doutrinária inicial do adventismo e serviu como fundamento macrohermenêutico para sua teologia.

Palavras-chave

Adventismo — Macrohermenêutica — Tempo — Espaço — Ontologia — Teologia histórica



Abstract

This article examines the role of ontological and epistemological assumptions held by early Adventist pioneers in shaping theological construction between 1844 and 1915, focusing on time and space as fundamental hermeneutical categories. In contrast to the dominant Christian tradition—heavily influenced by Greek philosophy, which conceives God and heavenly realities as timeless and immaterial—Adventist pioneers advocated for an alternative view: heaven as a physical and temporal place, and God as a personal, corporeal being actively involved in history. Through analysis of Adventist periodicals, the study reveals that this material and historical worldview underpinned the early doctrinal development of Adventism and functioned as a macro-hermeneutical foundation for its theology.

Keywords

Adventism — Macro-hermeneutics — Time — Space — Ontology — Historical theology

Introdução

Segundo Millard Erickson a “interpretação da Bíblia é afetada por nossos pressupostos filosóficos”.¹ Isso quer dizer diferentes interpretações da realidade derivam de diferentes pressupostos. Para Kant, a razão humana organiza as ideias a partir de três pressupostos universais (conceitos *a priori*). Esses três conceitos que unificam todo o conhecimento humano são (a) a ideia sobre a alma humana; (b) a ideia sobre o mundo e universo e (c) a ideia sobre Deus ou Ser supremo. São estes os conceitos elementares de todo processo hermenêutico. Isso quer dizer que esses conceitos funcionam como uma lente para compreender os demais assuntos da realidade.²

Esses pressupostos operam, segundo Peckham, em três níveis; a microhermenêutica, a mesohermenêutica e a macrohermenêutica.³ A microhermenêutica envolve o “exame de textos individuais e perícopes”, a

¹ Millard Erickson, *Truth or consequences: The promise and perils of postmodernism* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001), 326.

² Immanuel Kant, *Critique of pure reason* (London: Macmillan, 1922), 272.

³ John Peckham, *Canonical theology: The biblical canon, sola Scriptura, and theological method* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2016), 213.

mesohermenêutica envolve as “doutrinas individuais” que são formadas por um conjunto de textos e (c) o nível macrohermenêutico, que trata dos “parâmetros ontológicos e epistemológicos”, ou seja, os conceitos universais e mais fundamentais, a saber o ser de Deus, o homem e o mundo.⁴ É baseado no conceito universal de Deus, homem a relação de ambos no mundo que as doutrinas e demais textos bíblicos são interpretados. É a respeito deste terceiro e mais fundamental nível hermenêutico que esta pesquisa se dedica ao contexto da teologia adventista.

O adventismo surge no século 19 em um contexto norte-americano e protestante. Os pioneiros do movimento eram oriundos de diversas denominações protestantes. Para a tradição protestante (e católica), de onde vieram os primeiros adventistas, o ser de Deus é atemporal (fora do tempo), imaterial (fora do espaço), sem divisão ou partes, para quem não há antes ou depois.⁵ A partir deste paradigma filosófico, a realidade celestial está separada da realidade física e temporal humana e, portanto, impassível a mudanças ou eventos sequenciais como se dá no mundo criado. As próprias doutrinas do cristianismo serão interpretadas a partir dessas realidades fundamentais.

Alguns estudiosos, no entanto, afirmam que a visão atemporal e imaterial de Deus provém da filosofia grega e não das Escrituras. Para estes, essa visão teológica surge nos primeiros séculos da era cristã, quando, no cristianismo, a visão sobre Deus, ser humano e mundo passou a refletir conceitos derivados da filosofia dualista platônica. Zukowski afirma que, após

⁴ *Ibid.*

⁵ Para Martinho Lutero, pioneiro do movimento protestante, “é loucura discutir muito sobre Deus [...] antes do tempo, porque este é um esforço para entender a Divindade sem uma cobertura, ou a essência divina descoberta”, que é “uma área onde não há medida, nem espaço, nem tempo” (*Luther works: Selected Psalms II*, vol. 13 [Saint Louis, MO: Concordia, 1956], 315). Calvino, outro líder do protestantismo, considerava a Deus como um Ser que não possui corpo, sem lugar físico de habitação e sem experimentar o tempo como conhecido pelos seres humanos (John Calvin, *Institutes of the Cristian religion* [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989] 1:110, 2:187). Esse pensamento protestante segue a mesma linha proposta pelos principais teólogos católicos, como Agostinho e Aquino, onde os autores católicos medievais afirmam que Deus é imaterial, sem corpo, partes ou mudanças temporais (Agustine of Hippo, *The Trinity* [Washington, DC: The Catholic University of America Press, 1963], 70, 186; *ibid.* q. 14, a. 3.; ver também Thomas Aquinas, *Summa theologica*, vol. 1 [New York: Benziger, 1948/Westminster, MD: Christian Classics, 1981], 14).

essa síntese, “nenhum movimento religioso cristão havia desafiado este paradigma de forma direta”.⁶ Nesse contexto, em 1983, Canale defendeu a tese da temporalidade de Deus, indicando que a teologia adventista desenvolvida nas décadas de 1840 e 1850 desconstrói o modelo clássico e protestante e propõe para o mundo cristão uma nova forma de fazer teologia.⁷

Uma das premissas propostas por este movimento teológico adventista é que os estudiosos pioneiros do adventismo, que experienciaram o desapontamento de 1844, teriam abandonado a tradição teológica e filosófica do cristianismo vigente em sua época (católico e protestante), extraindo toda a sua teologia diretamente das Escrituras e não da filosofia helenista.⁸ Neste sentido, Graf afirma que os pioneiros adventistas teriam chegado à conclusão de que o céu é um lugar material, onde há sucessão temporal de eventos e movimento, rompendo totalmente com a teologia cristã clássica e moderna.⁹ Canale reconhece que a teologia formulada pelos primeiros adventistas assumiu, de maneira implícita, que Deus é temporal e age em uma sequência histórica, desafiando o paradigma teológico e filosófico vigente deste a patrística até a modernidade.¹⁰

É neste contexto que Torres sugere que antes de 1983 poucos teólogos adventistas criam em um Deus temporal e físico.¹¹ Para ele, a ideia de que os pioneiros do movimento já possuíam uma visão temporal e física das realidades carece de fundamento e essa mudança de paradigma nunca

⁶ Jean Carlos Zukowski, Adolfo S. Suárez e Reinaldo Siqueira, *Ellen G. White: seu impacto hoje* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2017), 228.

⁷ Tiago Arrais, Kenneth Bergland e Michael F. Younker, “Hermeneutics of doctrine and theological deconstruction: The contribution of Fernando Canale for doctrinal studies”, em *Scripture and philosophy: Essays honoring the work and vision of Fernando Luis Canale*, ed. por Adriani Rodrigues (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society, 2016), 152.

⁸ Fernando Canale, “From vision to system: Finishing the task of Adventist theology. Part I: Historical review”, *Journal of the Adventist Theological Society* 15, n° 2 (2005): 9.

⁹ Roy Graf, “The principle of articulation in Adventist theology: An evaluation of current interpretations and a proposal” (tese de doutorado, Adventist International Institute of Advanced Studies, Silang, 2017), 164.

¹⁰ Fernando Canale, “From vision to system: Finishing the task of Adventist theology. Part III: Sanctuary and hermeneutics”, *Journal of the Adventist Theological Society* 17, n° 2 (2006): 56.

¹¹ Milton Torres, “A relação entre Deus e o tempo: uma mudança de paradigmas teológicos na Igreja Adventista do Sétimo Dia?”, *Protestantismo em Revista* 41 (2016): 151-169.

teria ocorrido tal como defendida por alguns. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é, ao analisar as publicações adventistas no primeiro século de história da denominação, definir se, implícita ou explicitamente, os pioneiros romperam com a cosmovisão teológica de sua época e identificar sua compreensão a respeito da temporalidade e espacialidade das realidades celestiais como pressuposição elementar no fazer teológico.

Período inicial (1844-1863)

Antes da organização institucional do adventismo, que ocorreu somente em 1863, os pioneiros adventistas escreviam artigos e publicavam suas novas descobertas teológicas que estavam fornecendo uma visão ao recém formado movimento. Neste período, em um artigo publicado em 1846, Tiago White, um dos líderes do movimento adventista, discordou da visão daqueles que “espiritualizam a existência do Pai e do Filho como duas distintas pessoas literais e tangíveis, bem como a existência de uma Cidade Santa e do trono de Davi”.¹²

Tiago White continuou negando que o céu seja imaterial e acrescentou que Deus “é material, com inteligência organizada, possuindo corpo e partes”. Neste sentido, a *imago dei* é relacionada com todos os aspectos da realidade humana. Ou seja, se a criação é física e experiencia o tempo, refletindo a imagem de Deus, o criador também é um ser físico e temporal uma vez que a humanidade possui aspectos derivados de seu criador.¹³ Segundo White, o Pai e o Filho possuem personalidades e corpos distintos, sendo que Deus se faz presente em todo lugar não pela ausência de

¹² Para James White, Daniel 7,9 e Hebreus 1,3 indicam que “ambos [o Pai e o Filho] existem com corpo e partes” (James White, “Letter from Bro. White”, *The Day Star: Cincinnati* 9, n^{os} 7-8, 24 de janeiro de 1846, 25). Todos os textos entre parênteses no artigo são uma tradução pessoal.

¹³ James White, *Personality of God* (Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1861), 5. Para Tiago White, Cristo está realizando uma obra no santuário celestial, que, por sua vez, é um lugar específico e material. Ele contrasta sua visão com a visão filosófica espiritualizada da seguinte forma: “Diz-se que Jesus está à direita da Majestade no alto. Hebreus 1:3. ‘Então, depois que o Senhor lhes falou, foi recebido no céu e assentado à direita de Deus’. Marcos 16:19. Mas se o céu está em toda parte, e Deus em toda parte, então a ascensão de Cristo ao céu, à direita do Pai, significa simplesmente que ele foi a todos os lugares!”

um corpo material mas pela atuação do Espírito Santo que é seu representante e manifesta a presença do Pai onde estiver.¹⁴

No mesmo período, Crosier escreve um artigo concluindo que Cristo exerce no céu uma obra no lugar santo e, após a passagem de tempo em 22 de outubro de 1844 ele iniciou uma nova obra no lugar santíssimo do Santuário Celestial, indicando que o céu é um lugar físico, mutável e complexo, onde novas coisas acontecem. Para ele “eventos ocorrem no céu” onde diferentes obras são realizadas em diferentes ambientes espaciais e em momentos sequenciais da história.¹⁵

Se referindo às “tradições” sustentadas pelo cristianismo do século 19, uma edição da revista *Review and Herald* cita a crença em almas imateriais e imortais relacionadas a um reino abstrato “além dos limites do tempo e do espaço”, em contraste com o reino e domínio concreto que o profeta Daniel afirma que os cristãos receberão nesta terra.¹⁶ Na primeira década do movimento, os pioneiros adventistas já entendiam que cosmovisão dualista-espiritualista estava em contraste com a doutrina de Deus que estavam descobrindo.

Comentando sobre Colossenses 3,1, White aponta que o texto bíblico fala a respeito de “coisas” celestiais como estando no plural, indicando que tanto o céu como Deus, anjos e espíritos não são intangíveis e simples, mas físicos e complexos. Ele ainda entende que o céu, conforme Hebreus 11, possui uma cidade com fundamentos, onde os santos

¹⁴ *Ibid.*, 1-7. Para White, Daniel 7 é um capítulo da Bíblia que ensina o início de um juízo no céu, apresentando espacialidade e temporalidade na realidade celestial: “Diz o profeta Daniel: ‘Eu vi até que os tronos foram derrubados, e o Ancião dos dias se assentou, cuja vestimenta era branca como a neve, e os cabelos de sua cabeça como a lã pura; seu trono era como a chama ardente, e suas rodas como fogo ardente’. Cap. 7:9. ‘Eu vi nas visões da noite, e eis que alguém como o Filho do homem veio com as nuvens do céu, e chegou ao Ancião de dias, e eles o trouxeram para perto dele, e ali lhe foi dado domínio, glória e reino’. Versículos 13, 14. Aqui está uma descrição sublime da ação de dois personagens; a saber, Deus Pai e seu Filho Jesus Cristo. Negue sua personalidade, e não há uma ideia distinta nessas citações de Daniel” (*ibid.*, 2-3).

¹⁵ Owen Russel Loomis Crosier, “The law of Moses”, *The Day Star*, fevereiro de 1846, 37-44. Segundo Crosier, perfeição não é sinônimo de imutabilidade: “As pessoas têm a ideia de que no céu, para onde nosso Salvador foi, tudo é [...] perfeito, além de mudanças ou melhorias” (*ibid.*, 43).

¹⁶ John N. Andrews, “Remarks of O. R. L. Crozier on the institution, design and abolition of the Sabbath”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 2, n° 11 (3 de fevereiro de 1852): 81.

habitarão eternamente após a união da cidade celestial com a terra renovada.¹⁷ Quanto aos anjos, Smith, aponta que, além de visitarem Abraão, Ló e outros, eles também beberam, andaram e conversaram com eles, indicando que são seres físicos. A humanidade, por sua vez, será materialmente ressuscitada. Para Smith, então, não há algum dualismo físico ou temporal entre a criação e o céu. Ele nega um “céu ‘além dos limites do tempo e do espaço’ e rejeita o conceito de “espíritos incorpóreos”.¹⁸

Ainda neste período, Rhodes e Frisbie, afirmaram que dentre os enganados pelas igrejas cristãs no século 19 se encontram a tradição de que Deus é atemporal e imaterial, sem corpo físico, tornando o Filho e Pai em uma só pessoa.¹⁹ Além disso, ele adiciona na lista de erros teológicos a tradição de que o céu é um lugar imaterial, relacionando a esse pensamento a doutrina da imortalidade da alma e do inferno. No mesmo período, em uma carta escrita a Uriah Smith, Hallock descreve que, segundo as Escrituras, a cidade santa possui “fundamentos, cujo construtor e criador é Deus”, que o céu não está “além dos limites do tempo e espaço”, como ensina a teologia moderna.²⁰ Seguindo a mesma lógica, McCormick argumenta que ao se tornar adventista descobriu duas coisas: (a) a alma não é imaterial e atemporal e (b) o céu é um reino que tem fundamentos (substância física) e não está além do tempo e espaço.²¹

James White argumenta que, assim como a vida na terra antes do pecado era temporal e espacial, também será na nova terra, uma vez que o plano da salvação é uma restauração do estado original da humanidade.²² Nesta restauração final, as realidades celestiais e terrenas se unem em

¹⁷ James White, “Things”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 19, n° 2 (10 de dezembro de 1861): 12.

¹⁸ Uriah Smith, *The Advent Review and Sabbath Herald* 9, n° 5 (21 de julho de 1853): 34.

¹⁹ W. Rhodes e J. Frisbie, “Meetings in Northern Mich”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 12, n° 10 (22 de julho de 1858): 80.

²⁰ Sarah Hallock, “From Sister Hallock”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 11, n° 8 (31 de dezembro de 1857): 63.

²¹ William McCormick, “From Bro. McCormick”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 16, n° 23 (23 de outubro de 1860): 183.

²² James White, “The kingdom of God”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 12, n° 12 (18 de dezembro de 1855): 89-91.

uma só, indicando que céu e terra experienciam o mesmo fluxo temporal. Na mesma linha de pensamento, Robbins afirma que a matéria não é má e que ela não está, portanto, relacionada com o pecado. Como o mundo era material antes do pecado surgir, ele argumenta que o plano da salvação visa extirpar o pecado e não a matéria, pois após o fim do pecado o mundo físico criado por Deus continuará sua existência. Além disso, a crença no dualismo material/espiritual, segundo Robbins, cria um problema hermenêutico, pois destrói os fundamentos do cristianismo, substituindo a interpretação literal e histórica da bíblia por uma mística espiritual e alegórica.²³ As implicações dessas pressuposições na hermenêutica bíblica serão abordadas em períodos posteriores, por meio destes e outros escritores adventistas que serão brevemente citados neste trabalho. Nas duas primeiras décadas, portanto, é possível identificar escritores adventistas que negavam o dualismo matéria-imaterialidade e tempo-atemporalidade.

Período mediano (1863-1888)

Neste segundo momento da história do adventismo, enquanto estava ocorrendo uma solidificação e sistematização das crenças da recém fundada igreja, os pioneiros concluíram que, realmente, as demais denominações religiosas criam em um céu etéreo e imaterial.²⁴ Escritores adventistas continuaram afirmando que o céu é um lugar real e concreto “não um imaginário, imaterial, intangível (...) além dos limites do tempo e espaço”. Em 1886, foi publicada a seguinte explicação a respeito da obra de Cristo no santuário celestial, afirmando que Jesus:

foi para o Céu onde Deus está, e ele foi lá para preparar um *lugar* para seus discípulos, para todos que depositam sua confiança nele. O céu, portanto, é um lugar, e não um nada imaginário, imaterial, intangível, “além dos limites do tempo e do espaço”. O povo de Deus será levado para um lugar real. “Que eu possa levar aqueles que me amam para herdar substância”, diz Provérbios 8:21. E Paulo diz que certas pessoas receberam alegremente o espólio de seus bens, “sabendo

²³ F. Robbins, “Materialism”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 15, n° 22 (19 abril de 1860): 173.

²⁴ Carl Palmer, “Progressing”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 23, n° 12 (16 de fevereiro de 1864): 94.

em si mesmos que vocês têm no Céu uma substância melhor e duradoura.” Hebreus 10:34. Há então no Céu um lugar substancial para os crentes em Deus e em Cristo.²⁵

Cottrell afirma que os adventistas acreditam na ressurreição do corpo.²⁶ Por este motivo, ele questiona: “onde está a evidência de que um corpo espiritual ressuscitado é imaterial — que não tem ‘carne e ossos’ como nosso Senhor teve após sua ressurreição? Por que os homens materiais suspiram por imaterialidade?” Ele ainda afirma que, para adorar “em espírito e em verdade” os seres humanos não precisam se tornar imateriais, uma vez que o conceito de espírito, para ele, não é algo intangível, mas físico, o que pode ser concluído ao observar o convite de Cristo para que os cristãos adorem em espírito agora, em um corpo físico. Espírito não estaria em contraste com a matéria, em sua visão. Neste sentido, “não precisamos nos tornar imateriais para adorar a Deus corretamente”, tanto nesta terra como na vida futura. O conceito de perfeição e vida espiritual, portanto, até este momento, não estava relacionado a ausência de matéria ou variação.

Segundo Littlejohn, a matéria não está em um nível inferior em relação ao nível celestial, pois ambos tanto céu como a terra são materiais. A separação entre o ser humano e Deus, segundo o artigo, não se dá por fatores materiais, mas pelo pecado, como já era afirmado pelos adventistas.²⁷ Priest ainda vai retomar o assunto de que a interpretação alegórica e mística das Escrituras está relacionada com a visão atemporal e imaterial

²⁵ “Jesus comforting his disciples”, *The Sign of the Times* 12, n° 32 (19 de agosto de 1886): 506-507.

²⁶ Roswell Fenner Cottrell, “A very materialistic Christianity”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 26, n° 23 (7 de novembro de 1865): 182.

²⁷ Wolcott Littlejohn, “Heaven: Is it a place, or merely a condition?”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 61, n° 12 (1884): 97. Os pioneiros reconheciam que a filosofia humana era a fonte da visão imaterial e atemporal: “Vimos que o céu contém Deus Pai, Cristo Filho, os anjos, alguns dos santos ressuscitados, o templo de Deus, a arca do testamento, o trono de Deus, o registro dos nomes dos santos; e como algumas das coisas mencionadas são compostas de substância tangível e visível — como, por exemplo, os corpos ressuscitados de Cristo e dos santos, o templo, a arca e o trono de Deus — é manifesto que o céu deve ser um lugar com localidade e limites (...) Os teólogos modernos roubaram do homem aquele corpo substancial que Deus lhe deu no princípio e o transformaram em um espírito sombrio, para então introduzi-lo em um mundo de mitos e fantasias tão vazio quanto a filosofia da qual ele nasceu.”

do céu e dos seres celestiais.²⁸ As descrições físicas e temporais e de Deus e das realidades celestiais são negadas a partir da premissa de que o céu é atemporal e imaterial.

Smith, no mesmo período, argumenta que, assim como o termo “coisas” quando aplicado à terra se refere a itens tangíveis e materiais, o mesmo ocorre em relação ao céu.²⁹ Citando Colossenses 3,2, ele afirma que o céu e a terra são ambientes reais e materiais, sendo que a realidade do santuário celestial como descrita em Hebreus e Apocalipse aponta para um ambiente real no céu, com “coisas” celestiais, indicando um ambiente complexo e não simples sem variação temporal e espacial.

Canright, ainda neste período, faz uma análise teológica das realidades celestiais. Ele escreve o seguinte:

O céu é o lugar onde Deus habita (Mateus 6:9), o lugar de onde Jesus veio (João 6:51); e para o qual ele foi quando deixou a terra (Atos 1:11); o lugar onde os anjos habitam (Lucas 2:8-15); e o lugar do qual os demônios foram lançados pela desobediência (2 Pedro 2:4). Não é simplesmente um lugar imaterial, imaginário, como é agora comumente ensinado [...] Comparando coisas terrenas com celestiais, Paulo diz “que vós tendes no Céu uma *substância* melhor e duradoura”. Hebreus 10:34. Webster define substância assim: “Algo real; não imaginário, corpo; matéria”. Isso então decide a questão de que o Céu é um lugar real e material. Nós lemos também que há montanhas lá (itálico nosso) [...] Pensar no Céu como um lugar real, composto de montanhas e vales, repleto de árvores, frutas e flores, adornado com belas cidades e vilas e habitado por seres reais, vivos e inteligentes, confere-lhe uma beleza e uma sublimidade que de outra forma não poderia possuir. A educação tornou heresia e fanatismo pensar no Céu como tal lugar; mas a Bíblia e a razão declaram a seu favor.³⁰

Ainda no sentido de mostrar que o adventismo é um movimento que estava rompendo com os paradigmas filosóficos das igrejas cristãs do século 19, Davis afirma que crer no céu como uma região “além dos limites do tempo e espaço”, onde há almas imortais “sem corpo ou partes”, é um dos

²⁸ M. Priest, “From Sister Priest”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 25, n° 5 (27 de dezembro de 1864): 39.

²⁹ Uriah Smith, “Things”, *The Sign of the Times* 7, n° 32 (25 de agosto de 1881): 379.

³⁰ Dudley Canright, “Heaven”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 26, n° 11 (15 de agosto de 1865): 88.

grandes erros do cristianismo moderno.³¹ Kilgore reconhece que existe um contraste entre o ensino popular do céu imaterial com a promessa feita por Cristo de que a terra, um lugar físico, seria a habitação final dos salvos. Para alguns, ele afirma, “os santos habitarão num Céu espiritual ou imaterial por toda a eternidade.”³² Mas a Bíblia contradiz isso”, citando Isaías 45,17-18.

Além disso, segundo Edson, a existência de uma vida além dos limites do tempo e do espaço, onde os santos habitarão com Deus em uma vida etérea é incoerente com a realidade trinitária descrita pela bíblia.³³ Pois como um Deus seria, ao mesmo tempo complexo (três pessoas) mas imaterial, indivisível e impessoal? É neste sentido que Canright pontuou a respeito da tradição trinitária e seu ensinamento de que Deus não possui corpo, partes ou paixões, não ocupa espaço físico, sendo uma mera essência sem forma e impessoal. Segundo Canright, a Bíblia ensina que tanto o Deus Pai quanto o filho possuem corpos e personalidades distintas. Ainda vai ser escrito neste período que Deus é um ser pessoal com forma humana, possuindo paixões e sentimentos.³⁴ Um maior desenvolvimento da argumentação bíblica pode ser notado neste período ao observar o pensamento de Uriah Smith que, comentando sobre Êxodo 33,21-23, cita que partes da pessoa divina foram vistas por olhos mortais. Para ele, “um ser

³¹ E. Davis, “Future condition of the wicked and righteous contrasted”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 25, n° 20 (18 de abril de 1865): 153, 154.

³² George Kilgore, “The saints’ inheritance”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 47, n° 22 (1 de junho de 1876): 171.

³³ O. Edson, “Popular theology vs. Bible”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 50, n° 18 (3 de junho de 1866): 38.

³⁴ Dudley Canright, “Answer to ‘Inquirer’”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 50, n° 18 (1 de novembro de 1877): 144; “O que é ‘Deus?’”, *The Signs of the Times* 1, n° 24 (1875): 189. “Ele é um ser pessoal e organizado, possuindo corpo e partes: Ele é em forma de homem. O que é Jesus Cristo? Ele é o Filho de Deus, e é como seu Pai, sendo ‘o resplendor da glória de seu Pai e a expressa imagem de sua pessoa’. Ele é uma inteligência pessoal, com corpo, partes e paixões; possuindo carne e ossos imortais. O que são os homens? Eles são descendentes de Adão (...) que podem ser ressuscitados dos mortos com um corpo como o de Jesus Cristo e possuir carne e ossos imortais. Assim aperfeiçoados, eles possuirão o universo material, isto é, a Terra, como sua ‘herança eterna’”.

imaterial... sem corpo ou partes, não pode ser visto por olhos mortais”.³⁵ Neste momento é possível observar que a doutrina da trindade como realidade percebida pelos pioneiros diferente substancialmente da trindade como concebida pela teologia cristã pré 1844, sem corpo ou partes.

Neste período secundário, então, Palmer reconhece que o cristianismo tradicional possuía as mesmas bases dualistas. Ele defende que tanto o protestantismo como o espiritismo creem na “imaterialidade de Deus, e em um céu místico, etéreo, localizado em nenhum lugar e ao mesmo tempo em todos os lugares”.³⁶ No desenvolvimento e solidificação da teologia adventista, portanto, a escatologia bíblica é compreendida segundo o panorama bíblico-histórico relaciona céu e terra no mesmo fluxo temporal e material, em contraste com a filosofia cristã-dualista do século 19.

Período final (1888-1915)

Após o período em que a igreja adventista havia estabelecido sua base doutrinária (1844-1863) e institucional (1863-1888), houve também um crescimento missionário que em nada diminuiu a ênfase teológica dos pioneiros deste movimento. Neste último período analisado por esta pesquisa, Tiago White comenta que os movimentos religiosos corromperam as “puras verdades da Bíblia”, ensinando que a “herança dos santos não é a terra renovada, mas uma região imaterial e intangível além dos limites do tempo e do espaço”.³⁷ Para Smith, afirmar que a recompensa dos salvos será em uma região indefnida, “além dos limites do tempo e espaço” é um erro de interpretação.³⁸ Loughborough, outro escritor

³⁵ Uriah Smith, *The state of the dead and the destiny of the wicked* (Battle Creek, MI: Steam Press of the Seventh-Day Adventist Publishing Association, 1873), 28.

³⁶ Carl Palmer, “Progressing”, *The Advent Review and Sabbath Herald* 23, n° 12 (16 de fevereiro de 1864): 94.

³⁷ James White, *Minha história no contexto do grande movimento adventista conforme ilustrado pelos três anjos de Apocalipse 14* (Engenheiro Coelho, SP: Editora dos Pioneiros, 2018), 191.

³⁸ Uriah Smith, *Daniel e Apocalipse*, 2ª ed. (Engenheiro Coelho, SP: Centro White Press, 2014), 418-419. Para Smith, a doutrina da alma imaterial e eterna (atemporal) “se derivou do mundo pagão, e foram os ‘pais da igreja’ que introduziram esta perniciosa doutrina como parte da verdade divina. Este erro anula duas grandes doutrinas bíblicas: a ressurreição e o juízo geral, e abre uma porta para o espiritismo moderno. Deste erro se originaram outras doutrinas

adventista, citando Daniel 7,27, afirma que não um reino “além dos limites do tempo e espaço” mas “o reino e domínio, e a grandeza do reino”... “será dado ao povo dos santos do Altíssimo”. A herança dos santos, na visão destes três autores, consiste em um reino literal, com território físico, ao invés de habitar com Deus em um mundo superior onde não há material ou contagem temporal.³⁹

Escrevendo a respeito das pressuposições sobre o tempo e espaço e sua relação com a doutrina da salvação, Waggoner afirma que “muitos acreditam na salvação, mas poucos, aparentemente, pensam que ela deve ser tornar uma realidade atual em sua vida”.⁴⁰ Para esses, a salvação é uma obra divina que ocorre “além dos limites do tempo e espaço”, não tendo relação com a vida física e o fluxo físico-temporal da realidade. Neste sentido, a justificação seria uma obra divina-espiritual sem relação com a vida concreta.

Ainda quanto à interpretação das Escrituras, afirmou A. T. Jones que o texto da Bíblia sempre significa “exatamente o que diz”, não havendo um sentido espiritual por trás do texto histórico, assumindo que a natureza divina do texto é essencialmente histórica.⁴¹ Neste momento, Smith vai afirmar que a alegorização das Escrituras é articulada a partir do prisma espiritualista. Os elementos espirituais contidos na Bíblia seriam as verdades eternas, sendo que o texto escrito seria somente o instrumento histórico da verdade atemporal. Nas palavras dele, o fundamento desse falso sistema é a concepção sobre o Ser de Deus, sendo que a divindade “sem corpo e sem partes” habita “além dos limites do tempo e espaço” com seres

funestas, como o estado consciente dos mortos, o culto dos santos, a mariolatria, o purgatório, as recompensas dadas ao morrer, as orações e batismos pelos mortos, o tormento eterno e a salvação universal. A doutrina de que os santos, como espíritos desincorporados, encontram sua herança eterna em regiões longínquas e indefinidas, ‘para além dos limites do tempo e do espaço’. Ela desviou multidões do ensino bíblico de que esta terra há de ser destruída pelo fogo no dia do juízo e da perdição dos ímpios, e que das suas cinzas a voz do Onipotente fará surgir uma nova Terra, que será o futuro reino eterno de glória, que os santos possuirão como sua herança eterna”.

³⁹ John Loughborough, *The saints' inheritance* (Oakland, CA: Pacific Press Publishing Company, 1893), 3.

⁴⁰ E. Waggoner, “The hope of salvation”, *The Present Truth* 9, n° 29 (19 de outubro de 1893): 452.

⁴¹ A. T. Jones, “The third angels message”, *Daily Bulletin of the General Conference* 5, n° 15, 23 de fevereiro de 1893, 361.

angelicais sem corpo. Assim, para ele as descrições temporais e espaciais do céu não devem ser alegorizadas. Smith entende que Deus

é uma pessoa, tem mãos, pés, olhos, ouvidos, um coração, etc., e que ele segura, caminha, vê, fala, respira e se senta sobre um trono. Moisés nos diz, em seu registro da criação, que Deus criou o homem à sua própria imagem. [...] Paulo também nos diz Hebreus 1:3 que Cristo é a imagem expressa da pessoa de seu Pai.

Entendendo que os textos bíblicos descrevem as realidades celestiais tal como são, o texto de Isaías 66 e a temporalidade da realidade divina, White afirma que seria logicamente impossível os salvos imortais irem de um Sábado a outro, e de uma lua nova a outra, adorar diante do Senhor, se a nova terra e a vida eterna estivessem “além dos limites do tempo e do espaço”.⁴² A existência dos indicadores temporais “sol” e “lua” descritos na Bíblia também não seria possível. Além disso, não existiriam santos ressuscitados em corpo físico e glorioso e a descrição bíblica, então, seria metafórica e questionável, afirma. A semana de sete dias com um dia (sábado) separado para adoração a Deus continuará sua existência. Os redimidos também comerão do fruto da árvore da vida mensalmente, indicando uma vida temporal e espacial. A vida eterna, para White, é a sucessão infundável de eventos históricos e não o fim da história.⁴³

Nesta terceira fase, segundo os pioneiros do movimento adventista aqui citados, o céu é um lugar material e temporal, como apresentado segundo a realidade do santuário celestial e sua relação com a terra, desde

⁴² White, *Minha história no contexto do grande movimento adventista...*, 301.

⁴³ *Ibid.*, 301-302. “Além do espaço não haveria lugar para a lua nem para o sol. Tampouco haveria lugar para os santos ressurreitos, com corpos renovados tais como o corpo glorioso de seu Senhor ressuscitado. Além dos limites do tempo, não haveria necessidade do sol nem da lua, que são os grandes governantes divinos do tempo. Não estamos desejando uma desintegração geral do universo e, em seguida, uma recriação de todas as coisas para os santos imortais, além dos limites do tempo e do espaço. Foi este planeta que se revoltou. E o Redentor, que está vindo para submetê-lo novamente ao governo de Deus, diz: ‘Eis que faço novas todas as coisas.’ A revolta não afetou o sol, a lua e os demais planetas. A redenção não afetará esses corpos celestes. Quando o Restaurador trouxer os santos imortais para a nova terra, ela continuará realizando seus movimentos de rotação e translação. O sol e a lua controlarão os dias, meses e anos enquanto a eternidade durar. Os redimidos terão direito à árvore da vida que Adão perdeu por causa da desobediência. Essa árvore dá doze tipos de frutos, um a cada mês. Sendo assim, as palavras do profeta, quanto ele diz que toda a carne virá perante o Senhor, de uma lua nova a outra, não poderiam se cumprir quando toda a família dos redimidos vier, a cada mês, compartilhar do novo fruto da árvore da vida?”

a criação até a nova criação. Nos textos levantados, a vida eterna ocorrerá no fluxo temporal e espacial, sendo que a humanidade e divindade partilham da mesma realidade física e histórica. Segundo os primeiros autores do movimento adventista, portanto, Deus é um ser corpóreo e histórico, sendo possível perceber que esse pressuposto funciona como princípio articulador de sua teologia, um pressuposto hermenêutico elementar no processo de desenvolvimento da teologia adventista.

Considerações finais

Embora este trabalho não tenha exaustivamente abordado as pressuposições de todos os pensadores e teólogos adventistas, a partir dos diversos autores adventistas citados e suas publicações do período selecionado, foi possível perceber que, para eles, a crença na atemporalidade e imaterialidade das realidades celestiais provém das “especulações incertas de Sócrates e Platão”, como afirmou Smith.⁴⁴ Os pioneiros desafiaram uma tradição teológica e filosófica milenar, difundida no cristianismo primitivo principalmente a partir de Filo de Alexandria, Orígenes e Clemente de Alexandria,⁴⁵ sendo que, a partir de então, o cristianismo passou a interpretar a salvação como um evento espiritual que ocorre na alma e não na história.

Por sua vez, os pioneiros adventistas entendiam que as ações de Deus são históricas e tanto “perfeição” como “espírito” são termos que recebem um “novo” significado à luz de suas descobertas teológicas. Rejeitando a tradição cristã de seu tempo, Graf conclui que “os pioneiros percebiam Deus como capaz de intervir diretamente na história e nas questões humanas”.⁴⁶

⁴⁴ Uriah Smith, “Here and hereafter”, *Review and Herald* (1897): 173, 322. “Para harmonizar essa filosofia platônica sobre a alma com a linguagem da Bíblia, e assim tornar sua existência possível no sistema cristão, foi introduzido um método pernicioso de interpretação alegórica, pelo qual o testemunho dos escritores sagrados é levado a significar quase tudo, exceto o que diz. Esse sistema, se é que se pode chamar de sistema, causou desastre em outros assuntos além daquele em discussão, mas parece que deve sua origem à necessidade que surgiu da defesa da nova filosofia. Orígenes foi realmente o pai dessa maldade mística na igreja cristã.”

⁴⁵ Carlos Flavio Teixeira, *Origens e desenvolvimentos dos principais métodos contemporâneos de interpretação da Bíblia* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2020), 64-73. E também Leroy Froom, *The prophetic faith of our fathers* (Washington, DC: Review and Herald, 1950), 315-322.

⁴⁶ Roy Graf, *The principle of articulation in Adventist theology: An evaluation of current interpretations and a proposal* (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society, 2019), 133, 144. Ao

Em harmonia com a bibliografia dessa pesquisa, para Ellen White tanto o Pai como o Filho possuem uma forma corpórea: “Vi um trono, e assentados nele estavam o Pai e o Filho. [...] Perguntei a Jesus se Seu Pai tinha forma dele, Jesus disse que sim, mas eu não poderia contemplá-Lo”.⁴⁷ Para ela, a negação da existência de um santuário literal e físico no céu não se originam da Bíblia, mas de teorias e especulações de origem humana.⁴⁸

O movimento adventista, portanto, rompeu com a tradição filosófica cristã, e alega construir uma teologia fundamentada unicamente nas Escrituras. O objetivo da teologia adventista, portanto, é construir uma teologia livre de influências extrabíblicas, como a razão, experiência e tradições filosóficas humanas, seguindo o mesmo modelo deixado pelos pioneiros do movimento. Percebe-se que, apesar de trabalhar os conceitos de tempo e espaço muitas vezes de forma implícita, essa ruptura e mudança de cosmovisão não é uma descoberta recente e pode ser percebida desde 1844 ao descobrirem a realidade do santuário celestial e suas implicações indicando que Deus, homem e mundo são entidades materiais e temporais:

Os pioneiros adventistas [...] representam um afastamento radical da tradição cristã. Eles rejeitaram os pressupostos ontológicos e epistemológicos implícitos na interpretação do princípio da articulação na teologia cristã, o que abriu caminho para uma interpretação desse princípio à luz da própria Bíblia.⁴⁹

afirmar que Deus para os pioneiros adventistas é um ser temporal, Graf ressalta: “Os pioneiros adventistas acreditavam que Deus era capaz de experimentar o tempo e a história porque Ele era ontologicamente temporal. A temporalidade de Deus não era a mesma que o tempo da criação. Deus era temporal mesmo antes da criação. E. G. White descreveu a eternidade de Deus em termos de eternidade. Essa temporalidade de Deus, no entanto, era diferente da temporalidade humana ou da criação, não apenas porque Deus é sem começo ou fim, mas porque Ele também era capaz de conhecer o futuro extensivamente.”

⁴⁷ Ellen White, *Early writings* (Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1882), 54.

⁴⁸ Ellen White, *Testimonies for the Church*, vol. 8 (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), 258-259. Para mais acerca dos comentários de Ellen White sobre o ser Deus, ver *Patriarchs and prophets* (Washington, DC: Review & Herald, 1958), 114-115 e *Counsels to parents, teachers, and students* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1943), 177.

⁴⁹ Graf, *The principle of articulation in Adventist theology*, 144.